

O futuro dos negócios exige liderança ESG e gestão inteligente de riscos

Por Petrina Santos, Gerente Executiva de Sustentabilidade e Relações Governamentais da VWFS, e Liliana Tiengo, Gerente de Risco Operacional, Mercado, Liquidez & BCM da VWFS

A sigla ESG (Ambiental, Social e Governança, em português) transcendeu o jargão corporativo para se consolidar como uma bússola indispensável na navegação dos negócios. Globalmente, estima-se que os investimentos direcionados por critérios ESG possam alcançar US\$ 53 trilhões até 2025, segundo levantamento da Bloomberg Intelligence, um reflexo da crescente demanda por transparência e responsabilidade. No Brasil, essa tendência também é clara: 93% das 100 maiores companhias já publicaram relatórios de sustentabilidade em 2023, um avanço que coloca o país na 19ª posição em um ranking global da KPMG sobre o tema. Esses números refletem uma crescente demanda por transparência e responsabilidade, evidenciando que a sustentabilidade se tornou um imperativo estratégico.

Os pilares Ambiental e Social abrangem um vasto espectro de riscos e oportunidades. A gestão de riscos socioambientais é vital para a resiliência dos negócios. No cenário brasileiro, a seriedade com que as empresas encaram esses desafios é crescente: 89% das grandes companhias já divulgam metas de redução de emissões de carbono e 76% reconhecem a perda de biodiversidade como um risco relevante para suas operações, segundo dados da KPMG de 2024. Globalmente, 88% dos investidores intensificaram o uso de informações ESG em suas análises no último ano, conforme aponta a consultoria Ernst & Young. O Banco Central do Brasil, por meio da Resolução CMN nº 4.943/2021, tornou obrigatória a gestão de riscos social, ambiental e climático pelas instituições financeiras (RSAC). O documento exige que tais riscos sejam avaliados considerando o setor do cliente, suas características e a operação financiada. Essa abordagem tem transformado a análise de crédito no país, fortalecendo os critérios ESG no sistema financeiro. A gestão proativa desses riscos, portanto, envolve uma análise profunda, políticas claras e uma cultura organizacional que integre essas considerações ao processo decisório.

A efetiva integração dos princípios ESG reside fundamentalmente no pilar da Governança. Uma governança robusta e orientada para a sustentabilidade é o alicerce para que boas intenções se traduzam em ações concretas. Isso implica um compromisso inequívoco da alta liderança, incorporando ativamente a agenda ESG na visão de longo prazo e na estratégia central do negócio. A estratégia corporativa para a sustentabilidade, impulsionada por uma liderança visionária, envolve metas claras e atreladas a indicadores de desempenho. No setor financeiro, isso se manifesta na criação de produtos de investimento ESG, um mercado que no Brasil passou de 134 para 257 fundos sustentáveis em 2024, segundo a Anbima. No setor automotivo, reflete-se no investimento em tecnologias de baixa emissão e na promoção de uma economia circular.

Em ambos, a liderança demonstra seu compromisso ao alocar capital e fomentar uma cultura organizacional que valorize a sustentabilidade, posicionando a organização como agente de transformação positiva.

A transição para uma mobilidade mais sustentável é um exemplo tangível de como os princípios ESG convergem, impulsionando inovação. No Brasil, os veículos eletrificados leves cresceram 89% em 2024, somando 177.358 unidades, segundo a ABVE, apoiados por uma rede de 14.827 pontos de recarga públicos e semipúblicos. E os biocombustíveis seguem fundamentais. O país bateu recorde na produção de etanol, com 36,83 bilhões de litros em 2024 (+4,4%, segundo a UNICA), e no consumo de etanol hidratado, que cresceu 33,4%, chegando a 21,63 bilhões de litros, de acordo com a ANP. Com 83,4% da frota licenciada composta por veículos flex e uma paridade de preços etanol/gasolina de 65,3%, a melhor desde 2010, o Brasil reforça sua estratégia de descarbonização. Esse movimento mobiliza tanto a indústria quanto o setor financeiro, que direciona recursos para inovação, infraestrutura e expansão de soluções limpas.

Colaboração setorial é chave

O futuro será moldado pela capacidade das organizações de integrar genuinamente as considerações ESG em suas estratégias. A crescente conscientização de consumidores, aliada a um ambiente regulatório atento, acelera essa transformação. Para se ter uma ideia, 94% dos brasileiros esperam ação ESG das empresas e investidores (segundo dados da Bureau Veritas). Desafios como a crise climática e a desigualdade social exigem que empresas trabalhem com o governo e com a sociedade civil para desenvolver soluções e compartilhar melhores práticas. A cooperação em áreas como financiamento da transição e tecnologias limpas pode gerar resultados exponenciais.

Ao abraçar a agenda ESG como oportunidade para inovar e gerar valor compartilhado, as empresas asseguram sua perenidade e contribuem para um futuro mais justo e sustentável.